

INCLUSÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: explorando possibilidades de expressão linguística verbal

Sandra dos Santos Andrade¹

Clarice Salete Traversini²

Marília Forgearini Nunes³

Eixo temático :3. Alfabetização, diversidades e inclusão.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir formas de exploração da relação entre fala e escrita que constitui a linguagem como recurso para a inclusão nas interações pedagógicas e sociais na escola. Para o estudo selecionamos um planejamento didático de sala de aula elaborado para uma turma com um aluno de inclusão a partir do argumento de que a relação entre fala e escrita precisa ser considerada na elaboração de práticas pedagógicas evidenciando tanto que ambas são modos de expressão quanto que, em situação de inclusão, essas modalidades podem oportunizar a interação e a aprendizagem de todos/as considerando os modos como cada um/a aprende. O resultado das análises mostrou que a relação equitativamente planejada entre fala e escrita foi utilizada numa proposta didática - elaborada no contexto de uma disciplina da Licenciatura em Pedagogia - para auxiliar o desenvolvimento de todos, mas principalmente de um aluno autista. A oportunidade oferecida a esse aluno, que demonstra mais habilidade com a expressão oral do que com a escrita, de se expressar verbalmente a partir da sua fala compartilhando os sentidos do que lê e contribuindo para a organização da escrita de um texto, propiciou aprender e ser protagonista da ação pedagógica, rompendo com preconceitos e reafirmando suas potencialidades quando diferentes canais de expressão são acionados.

Palavras-chaves: Fala e escrita; Inclusão; Planejamento.

Introdução

Segundo Soares (2016) três facetas compõem o mundo da escrita de maneira indissociável: *a faceta da alfabetização* ou aquela em que se entende o funcionamento desse sistema de interação que representa visualmente a cadeia sonora da fala; *a faceta interativa* na qual se utiliza o sistema, expressando-se e compreendendo os sentidos que se pode produzir, *a faceta do letramento* em que se constroem conhecimentos sobre usos, funções e valores atribuídos à escrita em contextos socioculturais. A etapa inicial do Ensino Fundamental precisa oportunizar experiências que permitam aos sujeitos acessar e ser

¹ Doutora em Educação, Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Ensino e Currículo, Faculdade de Educação. Contato: sandrasantosandrade@gmail.com

² Doutora em Educação, Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Ensino e Currículo, Faculdade de Educação. Contato: clarice.traversini@gmail.com

³ Doutora em Educação, Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Ensino e Currículo, Faculdade de Educação. Contato: mariliaforginunes@gmail.com

atuante em todas as facetas que constituem o mundo da escrita (SOARES, 2016). No entanto, as experiências da faceta interativa precisam considerar que os modos de interagir por meio da linguagem são dois: o oral e o escrito.

Mesmo que o desenvolvimento da produção oral já chegue aos anos iniciais deflagrado pelas interações em família e depois, enriquecidas pelas experiências da Educação Infantil, não se pode ignorar que esse desenvolvimento precisa ter continuidade com novas experiências. A escrita, porém, é a modalidade que acaba por ganhar mais espaço nas práticas oportunizadas pela escola. Essa cizânia entre escrita e oralidade pouco ajuda no ensino e na aprendizagem da língua portuguesa, pois coloca a primeira mais presente nas práticas escolares, deixando para a oralidade apenas vivências esporádicas como se a prática da linguagem oral não necessitasse de uma didática planejada e sistematizada. Além dessa presença diferenciada, essa separação também ignora a relação contínua entre fala e escrita em muitos dos gêneros textuais que organizam a comunicação. Essa cizânia desconsidera, também, que as crianças possuem canais de aprendizagem diferenciados e que podem se beneficiar mais, para fins de aprendizagem, do uso mais sistemático de um ou outro canal. Com isso, compreende-se que fala e escrita devem ter o mesmo *status* no planejamento.

Neste trabalho, coloca-se em pauta a importância de se abordar as possibilidades de interação - expressão e compreensão - que acontecem no contínuo fala e escrita entendendo que isso pode ser uma ação mediadora para o desenvolvimento de uma prática pedagógica inclusiva. A compreensão de que fala e escrita não são dicotômicas, pois elas “[...] só diferem quanto às condições de produção: a fala é produzida e revisada simultaneamente, *on-line*, enquanto a escrita permite que produção e revisão ocorram em momentos distintos.” (BAGNO, 2011, p. 346), pode oferecer a oportunidade de interagir discursivamente. Essa perspectiva é entendida como modo de inserção no mundo da cultura escrita e dos seus gêneros textuais acionando e usando conhecimentos linguísticos, seja por meio da oralidade ou da escrita, respeitando as individualidades cognitivas e, principalmente, inserindo a todos e todas em práticas de interação por meio da linguagem.

O presente texto tem como objetivo discutir formas de exploração da relação entre fala e escrita que constitui a linguagem como recurso para a inclusão nas interações pedagógicas e sociais na escola. Para tanto, utilizamos como objeto empírico um planejamento didático que propõe ações flexibilizadas para um aluno com deficiência ainda em processo de desenvolvimento do conhecimento sobre o sistema de escrita e, portanto, com dificuldades ainda a serem vencidas diante do texto escrito. O foco das ações centra-se em oferecer oportunidades para esse aluno com deficiência também ser protagonista da ação pedagógica, se expressando verbalmente a partir da sua fala compartilhando os sentidos do que lê e organizando a escrita de um texto.

Metodologia

O material empírico analisado foi produzido no segundo semestre de 2020, no contexto da disciplina Inclusão Escolar e Prática Pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que compõem o currículo do curso de Pedagogia da UFRGS. Esta disciplina é nova no atual currículo do curso, e tem como objetivo que as estudantes sejam capazes de apropriar-se teoricamente de ferramentas que permitam elaborar estratégias de ensino para estudantes com dificuldades de aprendizagem ou com algum transtorno do neurodesenvolvimento. Estuda-se como as crianças aprendem, os tipos de memória, os diferentes estilos de aprendizagem e a relação destes conhecimentos com o fazer pedagógico nos anos iniciais do Ensino Fundamental, visando a inclusão do aluno com deficiência.

As estudantes da disciplina, no período do ensino remoto, pela impossibilidade de estar *in loco* nas escolas, foram colocadas em contato com um aluno de inclusão específico. As estudantes tiveram a oportunidade de entrevistar a mãe de um aluno autista, assistir a um vídeo de sua professora para conhecer o seu funcionamento e as estratégias utilizadas na adequação do planejamento de acordo com suas potencialidades, dificuldades e estilo de aprendizagem. Também viram fotos, vídeos e atividades realizadas por ele. A partir disso, formularam seu perfil pedagógico para, posteriormente, elaborar um planejamento com foco no aluno, mas que pudesse ser desenvolvido no conjunto da turma.

O planejamento deveria ser elaborado levando em consideração a perspectiva da diferenciação do ensino conforme proposto por Perrenoud (2000) que traz como princípio, a organização do ensino tendo como referência as características individuais de cada aluno para se chegar à aprendizagem do grupo. Entendemos que não é viável e nem desejável tratar os alunos de forma individualizada de modo que cada um/a tenha um programa de ensino a parte, no entanto, também não podemos mais seguir “fazendo de conta” que as turmas são compostas de aluno/as que aprendem de forma homogênea, todos no mesmo ritmo, as mesmas coisas, da mesma forma e a partir das mesmas estratégias. A aprendizagem deve ser acessível a todos/as considerando as capacidades individuais e os estilos de aprendizagem, aspectos socioeconômicos e ambientais.

A entrevista com a mãe do aluno foi realizada de forma *on-line* a partir de um roteiro elaborado colaborativamente por todas as estudantes da disciplina e teve a duração média de duas horas. O aluno tem Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), 11 anos de idade e frequenta o quinto ano de uma escola pública. De acordo com um dos perfis, o aluno que passaremos a chamar de João, “[...] é acompanhado por muitos profissionais, [...] A mãe comentou [que] iniciou aulas particulares com um professor de História, porque é também uma matéria que possui bastante afeição. Esses acompanhamentos são realizados durante

*a semana, e também aos sábados. A rotina dele acaba sendo bastante cheia, por esse motivo precisa de intervalos para descanso. Um suporte que auxilia em sua rotina e na previsibilidade do tempo e acontecimentos, é a utilização do seu relógio[...].”*⁴(Perfil elaborado pelas estudantes em 2020/2.)

Vemos neste excerto que as estudantes já apontam muitas pistas sobre a rotina e o funcionamento do João, que podem auxiliar na elaboração do planejamento, como o gosto por temas do ensino de história que podem ser utilizados para estabelecer um vínculo com a aprendizagem. Bem como a necessidade de rotina e previsibilidade do que vai acontecer no tempo, a utilização de uma rotina escrita e visual também pode auxiliar a dar esta segurança e estabilidade a João. Esta necessidade, que pode ser de muitos alunos, não apenas daqueles com deficiência, demanda da professora planejamento e organização, e mostra a complexidade do trabalho docente que não se resume a uma lista de conteúdos da qual é necessário dar conta.

Observamos neste outro excerto, as estudantes fazendo várias referências ao perfil e ao estilo de aprendizagem de João como elementos importantes para subsidiar o planejamento: *“[...] se comunica bem verbalmente, é bastante visual e curioso. Segundo a mãe, o filho adora estudar pirâmides e planetas. [...] tem hiperfoco em carros e cachorros. [...] tem dificuldade na escrita, por conta da coordenação motora. Em matemática apresenta mais dificuldades, mas gosta de aprender e, no momento, tem curiosidade e empolgação em relação às horas no relógio.”* (Perfil elaborado pelas alunas em 2020/2.)

A disciplina orienta que os planejamentos considerem os três principais canais de aprendizagem, delimitados por Cerqueira (2006), e que podem auxiliar a pensar atividades bem sucedidas: visual, auditivo e cinestésico, pois os alunos, principalmente aqueles que possuem alguma barreira de aprendizagem, podem ter dificuldades em retomar e fixar conteúdos que são ensinados por uma única via. Todas as pessoas aprendem (com alguma intensidade) com a forma que lhe é ensinada, mas cada um/a possui um estilo preferido, então é importante que a professora possa privilegiar os diferentes canais. Assim, um mesmo conteúdo/tema pode retornar no planejamento com diferentes abordagens, explorando diferentes modos de expressão e, conseqüentemente, privilegiando diferentes vias de aprendizagem. Isso é importante, porque temos a tendência a ensinar da forma como melhor aprendemos ou de uma maneira única, apenas reproduzindo modelos.

Fala e escrita, por exemplo, são modos de interação presentes em nosso cotidiano. A fala, como já mencionado, é parte do cotidiano independente da escola, a escrita, porém,

⁴ Os excertos dos materiais produzidos pelas alunas da Disciplina de Inclusão, serão colocados no corpo do texto em itálico para diferenciar das citações.

mesmo estando presente em diferentes interações sociais, torna-se mais presente a partir da mediação da escola que sistematiza a sua aprendizagem. Por meio da fala - também da audição e da visão - desvenda-se o mundo desde as primeiras interações. A escrita passa a fazer parte da vida como modo de expressão - compreensão e produção de sentidos - mediada, principalmente, pela escola. Ser capaz de se expressar por meio da escrita, no entanto, não anula as possibilidades de interagir por meio da fala e da visão, ao contrário, amplia as chances de interagir e aprender. Essa compreensão de que não há separação ou apagamento das modalidades de interação, mas complementaridade foi observada no perfil do aluno e tornou-se importante na organização do planejamento didático.

A redação do perfil de João tornou evidente estas e outras informações importantes sobre suas possibilidades de aprendizagem e comportamento dentro do espectro do autismo, assim as estudantes puderam produzir um planejamento, que deveria prever ao menos dois dias de aula. Elas tinham a possibilidade de pensar um planejamento único para a turma toda que considerasse, em primeiro plano, as possibilidades de João ou um planejamento para o grande grupo fazendo as diferenciações necessárias para o menino ou, ainda, um plano misto. Selecionamos para esta análise um dos planejamentos elaborados, considerando no conteúdo do mesmo, a relação feita entre fala e escrita para proporcionar a aprendizagem de João. A diferenciação proposta não se limita “[...] a ajustar as tarefas ao nível dos alunos, sem modificar nem seu conteúdo, nem a relação professor-aluno, nem o contrato didático.” (PERRENOUD, 2000, p.44). Importa aqui colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem, individualizar percursos ao mesmo tempo que se compreende que ninguém aprende sozinho, que a situação de aprendizagem desafie o sujeito aluno, mas que “[...] isso esteja dentro dos seus meios, ao preço de uma aprendizagem nova mais acessível.” (Idem, p.48).

Essa flexibilização é proposta a partir da compreensão de que fala e escrita não se opõem, mas são modos de expressão que podem se fazer presentes nas práticas pedagógicas oportunizando tanto o desenvolvimento de práticas interativas quanto o exercício da linguagem, valorizando a própria linguagem e sua função social. Assim, na continuidade apresentamos o planejamento, destacando excertos e analisando como a relação fala e escrita se fez presente ampliando as possibilidades de interação e aprendizagem.

Planejar a escrita a partir da fala: uma proposta didática em análise

O planejamento aqui analisado, foi selecionado tendo em vista sua atualidade ao abordar o tema da pandemia de Covid-19 e a preocupação das autoras em valorizar, na

elaboração das atividades, tanto recursos da escrita quanto da fala para as interações e aprendizagens pretendidas. O foco está em uma das propostas do plano, a elaboração de um cartaz, um gênero textual escrito, mas cuja análise e planejamento podem ser realizados a partir da oralidade com o apoio da visualidade.

As estudantes propuseram para atingir os objetivos do plano, e para alcançar os modos de aprender de todos, centralmente, do menino autista, diferentes estratégias, com diferentes recursos que estimulam as diferentes vias de aprendizagem: discussões, vídeos, construção de linha do tempo, análise de imagens, folhas estruturadas, análise e produção de cartaz, mapas diversos, livro sobre vacinas...

O foco de atenção neste estudo está na relação entre fala e escrita que precisa ser considerada na elaboração de práticas pedagógicas evidenciando tanto que ambas são modos de expressão quanto que, em situação de inclusão, essas modalidades podem oportunizar a interação e a aprendizagem de todos/as. O planejamento em análise revela destaque à oralidade, pois era a via de maior acessibilidade do aluno de inclusão, permitindo que este participasse das propostas em nível de maior igualdade com os demais. Em função disso, o objetivo de uma das aulas era focar na produção de um cartaz: conhecer e estudar o gênero textual cartaz e suas características; planejar cartazes sobre o COVID-19. A expressão oral está presente em todos os momentos do plano não só como estratégia para auxiliar na elaboração do cartaz, instigando os alunos a expressarem seus conhecimentos sobre os assuntos discutidos, a se posicionarem, mas também como estratégia para privilegiar e favorecer a participação do aluno de inclusão naquilo que ele tem de potencialidade.

Entretanto, os outros aspectos da aprendizagem da língua estão presentes e devem ser estimulados, por que todos devem ser desafiados a ampliar seu repertório de conhecimentos, suas habilidades. O planejamento tem como tema a questão da vacinação e o gênero textual cartaz torna-se alvo de estudo a partir dessa temática de modo que possam trazer para a leitura os conhecimentos adquiridos sobre o tema, podendo concentrar sua atenção na pergunta *"o que os cartazes têm em comum?"* e a partir disso reunir as propriedades que caracterizam o gênero textual e a linguagem para elaborarem os seus cartazes.

FIGURA 1: Conjunto de cartazes de diferentes origens



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse percurso didático começa por colocar a turma frente a diferentes exemplares de cartazes (Figura 1) com temática comum e questioná-los instigando que tenham um olhar investigativo e comparativo tanto para informações discursivas quanto informações gráficas: *“Sobre o que esses cartazes estão falando?” “Como vocês sabem que o assunto é vacinação?” “Como vocês viram que era esse o assunto se não está em português?” “Quais elementos vocês analisaram para perceber isso?”*

O fato de haver cartazes com origens diversas e escritos em línguas diferentes, provoca que a turma toda tenha que lidar com conhecimentos novos, o saber decodificar não é o único e principal conhecimento a ser acionado, outros conhecimentos e, conseqüentemente, outras habilidades são necessárias. Toda a exploração do conjunto de cartazes assume como linguagem de expressão principal a verbal-oral, com a professora assumindo o papel de escriba para organizar as informações identificadas e selecionadas sobre o que constitui um cartaz. Essa atividade abre possibilidades para a interação de todos/as, que precisam de um olhar exploratório para os cartazes: identificando, comparando, destacando informações. O aluno de inclusão torna-se parte desse processo, podendo utilizar habilidades já desenvolvidas e, ao mesmo tempo, podendo desenvolver outras a partir da interação com os pares.

Esse exercício de análise será importante para a produção final do cartaz, novamente dando oportunidade para que o aluno partilhe em um grupo menor os conhecimentos para colaborar na produção coletiva.

Considerações finais

Temos destacado na disciplina que para incluir não basta reduzir a quantidade de atividades ou facilitar o recurso, entregar uma folhinha de um ano anterior ao do aluno ou apenas manter o aluno ocupado para não “perturbar” o andamento da aula. Incluir também

[...] não é deixar o aluno [deficiente] sozinho porque há um pressuposto de que ele nada tem a contribuir com o restante do grupo ou que nada tenha a aprender; não é reduzir o tamanho do texto a ser copiado na ideia de que a redução de conteúdo garante aprendizagem; não é entregar o texto pronto, sem auxiliar no processo e na compreensão da leitura simplesmente para registrar tal conteúdo como dado; [...] como um jeito fácil de fazer “adaptação curricular”. (ANDRADE, SONNTAG, NUNES, 2021, *no prelo*).

Mais do que isso, é importante privilegiar os diferentes estilos pelos quais o sujeito aprende, estimulando que possa participar e se expressar dos modos como melhor se relaciona com a aprendizagem, ao mesmo tempo em que se estimula os aspectos em que possui dificuldades para aprender. Foi esta imbricação que buscamos visibilizar neste texto, apresentando como a relação entre fala e escrita foi utilizada numa proposta didática para auxiliar o desenvolvimento de todos, mas principalmente do aluno autista, utilizando um tema atual que acreditamos ser de interesse de todos e adequado a idade e ao ano/série do grupo.

Referências

ANDRADE, S., SONNTAG, B. E., NUNES, J.. Cenas de sala de aula: alternativas para a inclusão escolar de alunos com TEA. In: **Pesquisar COM a escola: currículo e inclusão em foco**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021 (no prelo).

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CERQUEIRA, T. C. S. **O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível**. In: PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, v. 7, nº 1, p. 29-38, Jan./Jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v7n1/v7n1a05.pdf>. Acesso em: 12 jun 21.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, M.. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

PERRENOUD, P. *Pedagogia Diferenciada: Das Intenções à Ação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.